

Módulos de Formação obrigatórios

Tronco Comum

- FOR 0001 PLANO INDIVIDUAL DE
FORMAÇÃO
- ANI 1001 DINÂMICA DE GRUPOS
- ANI 1002 OS JOVENS DE HOJE
- ANI 1003 COMUNICAÇÃO EFICAZ
- ESO 1004 ADULTOS NO ESCUTISMO
- ESO 1005 PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS
DO ESCUTISMO
- ESO 1006 DESENVOLVIMENTO
ESPIRITUAL
- ESO 1007 ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO
DO MOVIMENTO ESCUTISTA
- ESO 1008 HISTÓRIA DO MOVIMENTO
ES CUTISTA
- ESO 1009 ESCUTISMO NA COMUNIDADE
- GES 1010 GESTÃO DE UM AGRUPAMENTO DE
ESCUTEIROS
- GES 1011 SEGURANÇA E SEGURO
ES CUTISTA
- GES 1012 FINANCIAMENTO 1

Formação Específica Curso de Aprofundamento Pedagógico

(Um ou outro dos quatro módulos seguintes)

- ANI 1021 OS JOVENS DOS 6 AOS 10 ANOS
- ANI 1022 OS JOVENS DOS 10 AOS 14 ANOS
- ANI 1023 OS JOVENS DOS 14 AOS 17 ANOS
- ANI 1024 OS JOVENS DOS 17 AOS 21 ANOS

- ANI 1026 PROGRAMA EDUCATIVO 1
- ANI 2026 PROGRAMA EDUCATIVO 2
- ANI 3026 PROGRAMA EDUCATIVO 3
- ANI 1027 A RELAÇÃO EDUCATIVA
ADULTO/JOVEM
- TEC 1028 O JOGO NO ESCUTISMO
- TEC 1029 PEDAGOGIA DAS TÉCNICAS**
- TEC 1030 ACAMPAMENTOS E ACTIVIDADES
DE AR LIVRE

Formação Específica Curso de Animação Local

- ANI 1041 ANIMAÇÃO DE ADULTOS
- GES 1042 GESTÃO DOS RECURSOS ADULTOS
- GES 1043 RECRUTAMENTO DE ADULTOS
- GES 1044 GESTÃO FINANCEIRA
- GES 1045 GESTÃO DA INFORMAÇÃO
- GES 2012 FINANCIAMENTO 2
- TEC 1046 COMO CONDUZIR UMA REUNIÃO
- TEC 1047 RECRUTAMENTO E ACOLHIMENTO
DE JOVENS

Formação Modular

PEDAGOGIA DAS TÉCNICAS

TEC 1029

**Primeira edição
Maio de 1999**



**Centro de Formação de Dirigentes do C.N.E.
Vale da Ursa - Serpins
Região de Coimbra**

PEDAGOGIA DAS TÉCNICAS

Objectivo geral

- Ser capaz de fazer progredir os jovens no plano das competências técnicas.

Objectivos específicos

1. Saber escolher as técnicas em função:
 - a. do interesse dos jovens,
 - b. da capacidade dos jovens,
 - c. dos objectivos educativos,
 - d. das necessidades da unidade,
2. Saber adaptar o ensino técnico a um grupo etário específico.
3. Conhecer a utilização da "oficina" prática como meio de aprendizagem duma técnica.

Conteúdos

1. A aplicação das técnicas no escutismo

O que é uma técnica?

Se consultarmos o *Dicionário Universal da Língua Portuguesa*, da Texto Editora, podemos ler que uma técnica se define da seguinte maneira:

- conjunto de procedimentos metódicos empregados para obter um determinado resultado;
- conjunto de conhecimentos de aplicação prática;

- habilidade ou saber fazer, numa arte ou ofício.

É também opinião generalizada que a técnica se opõe à teoria.

Para atingir os objectivos deste módulo, podemos afirmar que toda a técnica ensinada em ambiente escutista deve ter como objectivo a aquisição dum saber-fazer, de uma habilidade prática.

As técnicas tradicionais e o ambiente

Temos a tendência para associar certas técnicas ao escutismo: os nós, as ligações, a orientação e o socorrismo são alguns exemplos. Com o decorrer do tempo, estas técnicas tornaram-se verdadeiras tradições escutistas. Porém, os conhecimentos evoluíram muito e os campos das competências tornaram-se cada vez mais diversificadas. As técnicas escutistas deverão reflectir esta nova realidade.

Uma tendência cada vez mais divulgada no Movimento escutista visa desenvolver o leque das técnicas modernas e a reduzir a utilização de certas técnicas tradicionais, sobretudo aquelas que se tornaram contestáveis no plano ecológico. Relembremos que B.-P., o fundador do escutismo, era um ardente defensor da natureza. Nos numerosos escritos que nos deixou, recomendava aos jovens a utilização dos recursos da natureza o mais judiciosamente possível e a não deixar nenhum rasto da sua passagem quando do abandono do local de acampamento. É de referir igualmente que o escutismo foi o precursor de vários movimentos ecológicos.

O que era válido em matéria de ecologia à 90 anos não o é nos dias de hoje. As recentes descobertas em matéria de ecologia e protecção ambiental obriga-nos a rever as nossas práticas.

Tomemos como exemplo os fogos. Nos acampamentos, a tentação é fazer um fogo. Os pretextos não faltam: cozinhar os alimentos, aquecimento, iluminação, afastar os mosquitos ou animais selvagens, fazer um fogo de conselho, meditar... Historicamente, o fogo não tem unicamente um valor utilitário, tem também um valor quase místico, próximo do sagrado. Podemos todavia equacionar, actualmente, a sua utilidade, já que no passado esteve indubitavelmente associado ao campismo, tornando-se actualmente inútil se não mesmo nefasto. Os equipamentos modernos de campismo oferecem uma alternativa mais interessante no plano ecológico, sendo na maioria das vezes muito mais eficazes e fáceis de utilizar.

A técnica das ligações é uma outra técnica que poderemos pôr em questão, na medida em que ela exige o recurso a peças de madeira natural que retiramos previamente da natureza. Porém, hoje sabemos que a madeira é um recurso cada vez mais precioso, já que as nossas florestas não se regeneram em poucos meses. É mesmo anti-ecológico recolher a madeira seca, visto que a madeira seca é um meio de vida.

Por outro motivo, mesmo que elas permitam adquirir um saber-fazer diferente, as técnicas mais modernas são tão atraentes no plano pedagógico que as técnicas tradicionais.

Porquê ensinar as técnicas?

O ensino das técnicas permite atingir diversos objectivos educativos do escutismo. Os jovens têm a ocasião de explorar diversos campos de competências e de adquirir habilidades que lhes serão úteis

durante toda a sua vida. Para a aprendizagem das técnicas, eles desenvolvem as suas capacidades físicas, as habilidades manuais, a compreensão do mundo que os rodeia, a capacidade de comunicar...

Com o seu sentimento de competência, o jovem adquire a confiança em si. Determinadas técnicas pretendem, provavelmente e com razão, que este sentimento de confiança tenha repercussões nas diversas esferas da vida de adulto. Tomemos como exemplo, a orientação. Aprendendo a orientar-se na floresta, a encontrar o seu caminho, a encontrar um local num meio que lhe é desconhecido à partida, o jovem adquire uma enorme confiança que se irá reflectir em todas as suas deslocações futuras: na cidade, numa estrada, num país desconhecido...

Podemos mesmo adiantar que o jovem se sentirá menos *perdido*, quer em sentido próprio quer em sentido figurado e que terá a vantagem de orientar a sua vida.

A aprendizagem de uma técnica pode contribuir para a descoberta de certos valores e o desenvolvimento de atitudes de vida positiva mais rapidamente e mais eficazmente que em outras actividades. Tomemos, por exemplo, a aprendizagem do trabalho em equipa. Todo o educador com experiência sabe que não serve de nada pregar um sermão aos jovens. Poderemos repetir incansavelmente as Máximas ou o artigo da Lei do escuta que faz menção da partilha e do sentido do outro e não se obter nenhum resultado concreto. Em compensação, colocando o jovem numa situação onde ele terá realmente necessidade da colaboração dos outros para a realização de um projecto, ele compreenderá o sentido da partilha e da vida de equipa. Esta lição ser-lhe-á muito mais vantajosa.

2. O ensino das técnicas

A noção de prazer

Não é de modo nenhum necessário que uma aprendizagem seja difícil ou penosa para se adquirir as competências técnicas. A aprendizagem pelo jogo que caracteriza a pedagogia escutista serve igualmente para ensinar as técnicas. É por este motivo que as equipas de animação devem dar uma grande importância em tornar este ensino agradável para os jovens.

Antes de tudo, *a aprendizagem das técnicas dever-se-á integrar na realização dos projectos da unidade*. O ambiente no qual se desenrolam estes projectos assume designações específicas segundo as diversas secções da associação:

- a caçada nos Lobitos;
- a aventura nos Exploradores;
- empreendimento nos Pioneiros;
- a caminhada nos Caminheiros.

É bem conhecido, que quando se está motivado aprende-se melhor e com mais facilidade. O jovem deve ter sempre uma motivação. Também, antes de se mostrar uma técnica aos jovens, é necessário

assegurar que ela lhes será útil no futuro. Os jovens estarão muito mais atentos se souberem que a técnica é importante para o próximo acampamento ou para o próximo projecto.

Eis alguns exemplos de projectos que precisam da aprendizagem de técnicas específicas:

- Acampamento de verão:
construções de campo, socorrismo, alimentação e confecção de alimentos...
- Passeio de bicicleta:
fazer as bagagens e montá-las na bicicleta, reparar um bicicleta, orientar-se com o apoio duma carta...
- Espectáculo de marionetas:
fabrico e manipulação de marionetas, iluminação, encenação, decoração...
- Chá dançante:
preparação e decoração da sala, promoção do chá dançante, técnicas de gestão...

Em *segundo lugar*, a aprendizagem das técnicas deve dar o gosto de adquirir competências variadas. As técnicas deverão aumentar o interesse dos jovens e abrir a porta para actividades mais elaboradas. Um jovem que adquire uma competência retira muito mais satisfação, não somente perante os outros jovens da unidade, mas também em relação à sua família e aos seus colegas de escola.

As técnicas de ar livre como o campismo, a caminhada pedestre, a escalada, a canoagem, o remo, a vela deverão dar aos jovens o gosto pela prática de outras actividades de ar livre. Não serve de nada atrapalhar os jovens com as dificuldades sob o pretexto que eles devem aprender a desembaraçar-se... Pelo contrário, se eles retirarem prazer e valorizando a sua experiência, eles terão o gosto de recomeçar e de aprofundar as técnicas apropriadas.

Por outro lado, a aprendizagem das técnicas devem permitir a integração dos valores escutistas. Como mencionámos mais acima, é pelas experiências práticas e concretas que os jovens descobrem os valores da vida, como o auxílio mútuo, o sentido do esforço, o desembaraço, o respeito pelo meio ambiente... É por isto que as equipas de animação devem estar vigilantes e assegurar que as actividades e técnicas praticadas na unidade correspondem aos valores veiculados pelo Movimento. Em qualquer dos casos, as equipas de animação são responsáveis perante os pais daquilo que vivem os jovens na unidade.

Por fim, a aprendizagem das técnicas no seio de uma unidade escutista deve demarcar-se da aprendizagem escolar. A escola tem uma missão a cumprir e o escutismo não a deve substituir. É preciso evitar abordar as aprendizagens de uma forma escolar. Não que a forma escolar não seja válida, mas é necessário lembrar que os jovens que vão às reuniões dos escuteiros passam toda a semana na escola. Devemos oferecer actividades diferentes se queremos manter a sua motivação.

O meio escolar tem aliás limites, onde alguns destes, podem ser satisfeitos pelo escutismo. Eis um exemplo: na disciplina de Geografia, os jovens aprendem a ler uma carta topográfica. Infelizmente, nem sempre é possível, levar a turma para a natureza e deixar os jovens colocar em prática os conhecimentos teóricos que lhes foram ensinados. O animador escutista pode fazê-lo. É aprendizagem pela acção e pelo jogo que caracteriza o Movimento escutista. O ensino técnico assume todo o seu sentido.

Adaptar o ensino técnico às capacidades dos jovens

O conteúdo desta secção pode-se resumir por esta palavra: *adaptar*. Podemos fazer descobrir as belezas do campismo a uma criança de seis anos. Muitos pais vão acampar com filhos ainda mais jovens. Mas retiram à criança a oportunidade de montar a tenda ou cozinhar as refeições! Mesmo acompanhadas pelos adultos elas irão aprender (atendendo aos limites da idade), a dormir numa tenda, a não disparar contra os animais selvagens e a não os alimentar, a descobrir novas flores, novos frutos selvagens que não se devem comer, a escutar o canto dos pássaros...

O mesmo princípio aplica-se a todos os grupos etários. Os lobitos e mesmo os exploradores mais jovens podem aprender muitas coisas, mas é preciso conhecer os seus limites. Estes jovens não estão ainda conscientes do perigo ou das dificuldades que poderão surgir. A manipulação de ferramentas, nomeadamente, deve ser ensinada com muita vigilância.

É preciso lembrar que as crianças de 7 a 11 anos se desinteressam facilmente de uma actividade se ela durar muito tempo. Tomemos o exemplo dum percurso com bússola e com lobitos. À partida, vários se precipitarão e quererão ter uma bússola. Ao fim de algum tempo, existe uma forte probabilidade que as bússolas se tornem, inúteis, ao pescoço da maioria dos jovens. Alguns, talvez, desejem continuar. Este cenário é com efeito normal. Uma unidade não ganha nada em prolongar uma actividade de carácter técnico se os jovens se desinteressarem.

As actividades técnicas poderão ser realizadas durante as reuniões dum grupo de pioneiros, sobretudo se elas estão directamente ligadas ao próximo empreendimento. Os jovens de 14 a 17 anos estão muito mais conscientes que para o projecto ter sucesso, se devem preparar minuciosamente e adquirir as técnicas apropriadas. Por exemplo, um grupo de pioneiros que escolheu uma expedição de canoa deverá desenvolver diversas competências: gestão do projecto, aptidão física através de um treino adequado, canoagem, orientação, campismo ligeiro, socorrismo...

Quando falamos de adaptação, não devemos ter em conta unicamente o grupo etário. Outros factores devem ser tomados em consideração. Na mesma unidade, nem todos os jovens têm as mesmas capacidades. Alguns poderão ser mais lentos, sentir dificuldades num campo de competências em particular, ter problemas de lateralidade ou de motricidade. Sem contar com o facto de uma unidade acolher um jovem deficiente, quer seja uma deficiência física ou mental. Esforços de adaptação devem ser realizados para integrar esta criança nas actividades correntes do grupo.

A equipa de animação deve procurar que cada jovem saia de uma actividade com um sentimento de competência acrescido. Para orientar as equipas de animação, eis alguns exemplos de técnicas que se poderão ensinar segundo os grupos etários:

Técnicas para os 7-8 anos

- conhecimentos simples da natureza, flores, pássaros, mamíferos, insectos, árvores;
- técnicas de observação e jogos do Kim;
- trabalhos manuais;

- desenho, moldagem, colagens;
- códigos secretos simples;
- colecções;
- técnicas rudimentares de segurança e socorrismo;
- técnicas rítmicas: fabrico de um instrumento de percussão, danças rítmicas...
- alguns nós;
- dobragens em papel;
- preparação de alimentos sem cozedura.

Técnicas para os 9-11 anos

- identificação de algumas espécies de flores, de plantas, de pássaros, de mamíferos, de insectos, de árvores...
- herbário;
- jardinagem, plantação de uma árvore, cultura de uma planta no interior;
- observação de pistas de animais selvagens e moldagem de pegadas;
- técnica rudimentar de astronomia e observação com o auxílio de um telescópio;
- técnica rudimentar de meteorologia;
- técnicas de desenho: cartaz, bandas desenhadas...
- técnicas rudimentares de teatro com sketches;
- técnicas rudimentares de mímica e sombras chinesas;
- magia;
- trabalhos manuais;
- iniciação à dança e coreografia;
- sinalização;
- códigos secretos;
- segurança;

- socorrismo;
- costura, tricot e outros trabalhos com agulhas;
- orientação: manuseamento de uma bússola, seguir um percurso com a ajuda de uma carta topográfica;
- ar livre: canoagem em águas calmas, iniciação à escalada;
- manutenção de uma bicicleta;
- nós,
- confecção de refeições simples incluindo a cozedura.

Técnicas para os 11-14 anos

- horticultura, compostagem, cultura biológica, cultura hidrofónica;
- adestramento de animal doméstico;
- meteorologia: fazer um perfil meteorológico;
- astronomia: identificação de algumas constelações;
- conhecimentos um pouco mais profundos da natureza: identificação das espécies, ecologia...
- comunicações electrónicas: informática, telecópia, Internet...
- fotografia, vídeo;
- vigilância florestal;
- socorrismo e reanimação cardio-respiratória, conservação de um estojo de primeiros socorros;
- gestão orçamental;
- trabalhos manuais mais avançados: vitrais, escultura, trabalho em couro, marcenaria...
- técnicas culinárias;
- acampamento com abrigo natural;
- conservação e reparação de bicicleta;
- técnicas ligadas à prática de uma modalidade desportiva;
- ar livre: escalada, espeleologia, vela, canoagem, remo...

- percurso pedestre;
- jornalismo
- técnicas de animação em situações simples com o apoio de animadores com experiência.

Técnicas para os 14-17 anos ou mais

As técnicas intimamente ligadas aos empreendimentos podem ser muito variadas, é difícil dar exemplos. Todas as técnicas enumeradas anteriormente poderão ser ensinadas num grupo de pioneiros na medida em que o nível de conhecimentos seja adaptado à capacidade deste grupo etário.

Podemos acrescentar que os jovens com 14 anos ou mais deverão ter a possibilidade de realizar projectos que sejam muito mais exigentes no plano técnico e que comportem maiores desafios: viagens ao estrangeiro, participação num jamboree mundial, actividades comunitárias de envergadura, expedições mais longas e mais exigentes fisicamente...

Técnicas e metodologias

Relembremos que os manuais metodológicos prevêem uma progressão no plano das competências. É muito mais motivante para um jovem aprender uma técnica adquirida, que seja reconhecida oficialmente no seio da unidade.

3. As oficinas (ateliers) técnicas

O ensino das técnicas não se deve fazer de uma forma magistral, mas antes num ambiente de oficinas técnicas. Uma oficina pode ter lugar durante uma reunião, numa saída ao ar livre ou num acampamento. Em alguns casos, pode ser apresentada antes duma actividade. Numa oficina, fornecem-se as grandes linhas de fundo, experimenta-se, verifica-se através de alguns exercícios se os jovens dominam bem a técnica, e de seguida colocam-se à prova esses novos conhecimentos durante a realização de uma actividade.

Não é necessário que todas as técnicas sejam ensinadas pela equipa de animação. A oficina pode ser preparada por um jovem, uma equipa (bando, patrulha...), uma pessoa-recurso, um jovem de outra secção, um pai, ou seja, qualquer pessoa que possua as competências apropriadas.

É importante que as oficinas se desenrolem num clima que favoreça a aprendizagem. Os jovens devem sentir-se com liberdade em ensaiar qualquer coisa de novo sem terem o medo de serem ridicularizados. Os encorajamentos e o apoio são essenciais à aquisição de novas técnicas. Cada vez que isto seja possível, organizam-se jogos para pôr em prática as técnicas aprendidas.

Como montar uma oficina (atelier)

Uma oficina deve permitir aos jovens, descobrir, aprender e adquirir um saber-fazer. Para o conseguir é necessário assegurar a satisfação de certas exigências:

- reunir todo o material antes de começar;
- explicar uma etapa de cada vez;
- assegurar que todos os jovens vêm bem a demonstração e entendem bem as explicações;
- falar lentamente e repetir;
- para o ensino de técnicas mais complexas, fazer uma demonstração em cada uma das etapas;
- passar de uma etapa para a outra retomando as etapas precedentes de cada vez;
- no fim da demonstração, recapitular cada uma das etapas;
- fazer com que os jovens executem cada uma das etapas, observar e corrigir imediatamente.

Para adquirir uma competência, é preciso repetir os exercícios mais do que uma vez. Convém não esquecer que as oficinas técnicas deverão ser concebidas, na medida do possível, em função das actividades futuras. Isto pressupõe que os jovens terão a ocasião de praticar as técnicas adquiridas.

As oficinas poderão ser integradas nos jogos, nos grandes jogos, nas saídas. Podemos organizar um percurso técnico, tipo "rallye" que permita aos jovens pôr em prática as técnicas adquiridas.

A "caixa de areia"

FINALIDADE: este meio permite decidir como dispor os objectos ou as pessoas num determinado espaço.

DESCRIÇÃO: reproduz-se à escala, numa carta ou numa maquete, um determinado espaço físico. Os participantes dispõem os objectos que devem colocar, recolocar ou organizar neste espaço, em função de diferentes critérios estabelecidos à partida.

Podemos utilizar este meio individualmente ou em pequeno grupo. O animador deve fornecer todas as informações pertinentes sobre todos os constrangimentos humanos, físicos, materiais e orçamentais. Pode também elaborar uma lista das possibilidades.

EXEMPLOS: podemos utilizar este meio para:

- simular a deslocação de um grupo na floresta, com o auxílio de uma carta topográfica;
- a disposição do próximo acampamento;

- planificar as decorações ou a encenação duma peça de teatro;
- fazer os planos de uma exposição.

VANTAGENS: este meio permite praticar à escala e familiarizar com uma situação manipulando os objectos. É um método de aprendizagem muito concreto. Pode-se fazer e desfazer à vontade até que todos estejam de acordo.

LIMITES: a utilizar por um tipo muito específico de aprendizagem técnica.

As bases

FINALIDADE: dar uma ocasião de praticar um leque de técnicas ligadas entre si. Este meio permite a aquisição de habilidades físicas ou manuais.

DESCRIÇÃO: os participantes são divididos em pequenos grupos. Numa sala grande, os "stands" encontram-se instalados. Os grupos circulam de "stand" em "stand". Estabelece-se um sistema de rotação entre os pequenos grupos. Cada "stand" deve encontrar a uma distância razoável do precedente. O material para cada um deve estar disposto cuidadosamente. Uma ficha técnica pode ser distribuída após cada atelier para ajudar os jovens a memorizar a matéria ensinada. Em cada "stand", existe um atelier compreendendo:

- uma curta apresentação
- uma demonstração
- um exercício prático

VANTAGENS: como o grupo está subdividido em pequenos grupos, é necessário menos material por atelier para permitir que cada jovem pratique. O pequeno grupo permite igualmente aos animadores terem uma atenção particular a cada um e de corrigir imediatamente os erros. Além disso, as questões e explicações são mais fáceis de gerir com um pequeno grupo. Finalmente a variedade evita com que os jovens se aborçam.

LIMITES: este meio exige que se disponha de um grande espaço para instalar os "stands". Além disso, exige que se tenha diversas pessoas-recurso ao mesmo tempo para dar os ateliers. A organização é mais complexa. O tempo disponível deve ser suficiente para permitir fazer a volta aos "stands" e neles permanecer o tempo suficiente para praticar a técnica ensinada.

O exercício

FINALIDADE: O *exercício* permite pôr em prática o que se aprendeu. Ele representa um inevitável complemento a toda a formação que requer o desenvolvimento de uma habilidade.

DESCRIÇÃO: os jovens colocam em prática uma habilidade que lhes foi previamente explicada e demonstrada. O *exercício* pode fazer-se individualmente ou em grupo. Trata-se para o jovem, de completar uma tarefa dada devendo atingir um resultado esperado segundo o método fixado pelo animador.

VANTAGENS: o jovem pode testar as suas competências e corrigir os seus erros. O efeito de se sentir envolvido pode contribuir para se sentir animado. Entretanto, deve sentir que tem o direito de errar.

LIMITES: O *exercício* é frequentemente de curta duração e não permite verdadeiramente a aquisição completa das competências. Deve ser repetido. Na maior parte das vezes, executa-se fora do ambiente natural. O jovem terá que proceder a ajustamentos "no terreno". Se os jovens não virem a utilidade do *exercício* nas próximas actividades, corre-se o risco de perderem rapidamente a sua motivação.

Pedagogia

1. Montar um atelier técnico adaptado a um dos seguintes grupos etários:

- 7-10 anos,
- 10-14 anos,
- 14-17 anos,
- 17-21 anos,

2. Retomar o atelier preparado no ponto 1 e adaptá-lo a uma criança sofrendo duma deficiência física ou mental.

3. Elaborar uma lista das técnicas ensinadas e utilizadas na sua unidade e fazer uma análise crítica.

4. Ler diferentes manuais técnicos.

5. Aprofundar os seus conhecimentos e desenvolver as suas competências no plano técnico.

Fontes de Informação

Corpo Nacional de Escutas, *Competências & Especialidades*, Junho de 1994.

Corpo Nacional de Escutas, *Manual do Lobito*, Fase de Adesão, Etapa de Bronze, Etapa de Prata e Etapa de Ouro.

Corpo Nacional de Escutas, *Manual do Explorador*, Fase de Adesão, Etapa de Bronze, Etapa de Prata e Etapa de Ouro.

Corpo Nacional de Escutas, *Manual do Pioneiro*, Fase de Adesão, Etapa de Bronze, Etapa de Prata e Etapa de Ouro.

Avaliação da Formação

O adulto em aprendizagem terá de:

- ensinar uma técnica à sua escolha a um grupo de jovens devendo:
 - reunir todo o material necessário;
 - explicar uma etapa de cada vez;
 - providenciar que todos os jovens vêem bem toda a demonstração e entendem bem as explicações;
 - falar lentamente e repetir;
 - passar de uma etapa à outra retomando as etapas precedentes de cada vez;
 - recapitular cada uma das etapas no fim da demonstração;
 - fazer com que todos os jovens pratiquem, observando-os e corrigindo-os imediatamente em cada uma das etapas;
- adaptar uma técnica em função da secção que anima;
- elaborar uma ficha;
- acompanhar um jovem na realização de uma actividade de carácter técnico para a obtenção de uma insígnia de competência/especialidade.

Nota

(*) A técnica deve ser útil e inscrever-se no contexto do projecto da unidade.